



GALANTE PRODUÇÕES E SERVIÇOS APRESENTA

O IMPÉRIO DO DESEJO

**POLÍTICA DO TÊXTO: ANOTAÇÕES
SOBRE "O IMPÉRIO DO DESEJO"**

Por Lucas Jeison

“O filme é como um campo de batalha. Amor, ódio, ação, violência, morte. É uma palavra – emoção.” (Samuel Fuller.)

“A propriedade é um roubo” (Pierre Joseph Proudhon)

Há quem diga que todos os grandes filmes tratam, no fundo, de um único grande tema: o cinema. No subdesenvolvimento econômico e estético do cinema brasileiro (estamos aqui no início dos anos 80), isso se torna ainda mais latente, pois o filme em si já é uma matéria bruta de resistência, busca e inconformismo. Nesse contexto, Carlão Reichenbach é o autor exemplar, cuja obra vai ser marcada pelo trânsito na Boca do Lixo, pelo contrabando de ideias, pela cinefilia que deságua na realização artesanal do muito com pouco (como no cinema de Mario Bava, grande herói de Reichenbach) e por uma liberdade poética de tintas literárias, filosóficas e eruditas, mas nunca esquecendo que o amor à vida que corre 24 quadros por segundo é o norte. Afinal, uma das máximas da rua do Triunfo era a de é melhor ter a mãe xingada do que ser chamado de intelectual.

Em “Império do desejo”, temos a materialidade de um certo ideário político que acompanhou ao menos duas décadas do cinema brasileiro, apresentado como síntese. Pois se os cinemanovistas fracassaram em seu contato com o público, a pornochanchada na virada dos anos 70/80 lotava os cinemas de rua, nos centros e periferias. E o projeto de Reichenbach passa por essas vias, onde popular, erudito, Godard, Roberto Santos, música clássica e Boca do Lixo podem conviver em pé de igualdade. Assim como os corpos que transitam pela mítica Ilha dos Prazeres Proibidos (1979), base conceitual e formal de Império do Desejo.

Temos a praia, ambiente que foi cenário de Barravento, Limite, A Mulher de Todos, como o ponto de encontro do casal de jovens beatnicks

que viajam sem rumo, e que gostam mesmo é “de não fazer nada”; a proprietária (portanto, ladra) de terras e que expulsa os moradores que não têm onde ficar; o advogado falcatrua que, apesar de “meio quadrado” gosta de jovens e tenta, ridícula e esforçadamente participar da libertação sexual antes de libertar a mente; e o poeta ermitão que mata a marretadas quem ousar invadir a ilha sem ter compreendido a essência dos prazeres proibidos. Ou seja, um espaço mítico marcado pelo signo da diferença, onde suaves travellings mostram a tentativa de homens e mulheres em integrarem-se à natureza selvagem. Algo que não é possível para todos.

Não apenas pelas múltiplas referências e citações disparadas ao longo do filme, mas pela sua própria existência e papel crucial dentro de um projeto de cinema em construção, mas já com estrutura, “Império do Desejo” contrabandeou (sob a superfície de “mais uma pornochanchada produzida pelo Galante”) subversão e radicalidade, mas sobretudo, um cinema maior, liberto e libertador. Ao seu final, tal qual o viajante após o orgasmo, pode se resumir o filme com um grito de felicidade.